

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Tarde*

Class.: 1420

Data: 19.01.90

Pg.: _____

**Yanomanis e outros
brasileiros**

Thales de Azevedo

Atropelam-se os acontecimentos, na maioria infaustos, a obrigarem o cronista despretenhoso a alguns registros. Não falo da violência que inquieta e entristece os nossos dias, nem da inflação, da carestia, do aumento arbitrário dos impostos sobre a casa própria e o automóvel, o abandono da cidade e outros males do momento. Desses ocupa-se a imprensa, enquanto há vereadores e deputados mais preocupados com proventos de seu "emprego", contribuindo para desacreditar o regime representativo e democrático. Refiro-me a tristes notícias como as dos falecimentos de Raimundo Aguiar e Ernst Widmer, duas sensíveis perdas para a Bahia: um português tão bem adaptado à nossa terra, foi um artista do lápis e do pincel, cuja obra notável merece ser lembrada e analisada em seus aspectos estéticos e humanos; foi o outro grande nome baiano que nos deu a Suíça: compositor musical admirável, também uma pessoa de excepcionais qualidades, universitário de valor e dedicação insígnies, como aquele holandês benemérito, Erick Loeff, a quem ficamos tanto a dever, brutalmente abatido pela violência. Esses foram alguns dos que se fizeram, por seus corações, figuras inesquecíveis para os baianos. Perdemos igualmente o feirense Dival Pitombo, a pessoa e a invejável cultura literária, lembrança magoada.



Outra ordem de sucessos é a do episódio com os índios Yanomanis: a falta de demarcação de suas terras está dando lu-

gar ao difícil caso da invasão de seu território de origem e vivência por cerca de 40 mil garimpeiros também necessitados de meio-de-vida. Essa é uma culpa antiga dos nossos governantes, não cumprindo o dever e o compromisso da demarcação das áreas em que as tribus nativas foram encontradas pelos colonizadores; é de lamentar-se quanto se bateu por esse princípio o extraordinário marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, desde os dias de seus contatos com nossos indígenas sob o lema humanitário de "morrer se preciso for, matar nunca" e respeitar seus direitos, tão sagrados quanto os dos demais brasileiros. Essa foi a filosofia, mal cumprida infelizmente, que deixou ao Serviço de Proteção aos Índios, hoje herdado pela Funai.

O que agora está acontecendo poderia ter sido evitado, se o governo federal houvesse atendido às advertências, feitas, há muitos anos, pelos antropólogos brasileiros coordenados pela Associação Brasileira de Antropologia, no sentido de ser preservada aquela última unidade indígena, ainda não perturbada pela aculturação desordenada e pela integração mal conduzida dos primeiros habitantes e proprietários de nossas terras. Honro-me de haver assinado aquele manifesto. Esperemos que se minimizem os prejuízos aos nossos chamados silvícolas, isto é, *homens da floresta* com sua original cultura e métodos de subsistência. Pede atenção o estado de outros idênticos grupos esparsos por todo o País, inclusive na Bahia. É uma vergonha que precise aparecer um artista inglês para levantar esse problema, em lugar de se ouvirem Orlando Vilas Boas e alguns mais do nosso sangue.

Thales de Azevedo é médico, antropólogo e professor emérito da UFBA.